

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA

BEATRIZ FLORES TORRES

**AS VOZES EM MEIO AO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DA OBRA
*A PONTA DO SILÊNCIO***

Porto Alegre
2020

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS

BEATRIZ FLORES TORRES

**AS VOZES EM MEIO AO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DA OBRA
*A PONTA DO SILÊNCIO***

Porto Alegre

2020

BEATRIZ FLORES TORRES

**AS VOZES EM MEIO AO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DA OBRA
*A PONTA DO SILÊNCIO***

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Pr^a Dr^a Maria Eunice Moreira

Porto alegre

2020

BEATRIZ FLORES TORRES

**AS VOZES EM MEIO AO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS EM
A PONTA DO SILÊNCIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Porto Alegre

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a todos os professores e professoras, funcionários e colegas com quem tive o privilégio de conviver durante a graduação e graças aos quais venho crescendo e amadurecendo enquanto mulher, estudante e futura professora.

À minha orientadora Maria Eunice Moreira, por toda a troca de conhecimento e de ideias ao longo do curso como professora e, agora, como orientadora. Sua presença, mesmo que de longe, foi de extrema importância para a realização deste trabalho.

À minha família, com quem compartilho a vida e a quem dedico todas as minhas conquistas, sou eternamente grata por poder contar sempre com vocês.

Às minhas colegas e amigas de vida, que estiveram ao meu lado desde o início da graduação, obrigada pela leveza dessa amizade.

Ao meu companheiro canino Scooby, que no alto de seus 12 anos de idade me ensina todos os dias a ser um ser humano mais sensível e empático e, que esteve ao meu lado me acompanhando durante a escrita deste trabalho.

“Muito cedo, deu-se conta do perigo de falar.
Mas pensar e sentir, ah!, pensar e sentir não era proibido.”
(VALESCA DE ASSIS)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo traçar uma análise das vozes, no romance *A ponta do silêncio* (2016), da autora Valesca de Assis, de modo a identificar e analisar as vozes acusatórias e as vozes de defesa à protagonista da obra. A presente pesquisa justifica-se pela busca por um estudo ainda não explorado no livro de Valesca de Assis: o dialogismo em *A ponta do silêncio*. Além disso, por se tratar de vozes que acusam, busca-se mostrar que os julgamentos feitos por meio dessas vozes se relacionam muito com a socialização desses sujeitos que os expressam, bem como as defesas. Os pressupostos teóricos do trabalho estão pautados, principalmente, na obra *Problemas da poética de Dostoiévsky*, de Mikhail Bakhtin, para tratar e definir o conceito de dialogismo e seus aspectos relacionados, que serão abordados no trabalho.

Palavras-chave: Vozes. Romance. Dialogismo.

ABSTRACT

This work proposes an analysis of the voices of the novel *A ponta do silêncio* (2016), by the author Valesca de Assis, in order to identify and analyze the voices that they accuse and those that defend the protagonist of the narrative. The present research is justified by searches for a study that has not yet been explored in the work of Valesca de Assis: dialogism in *A ponta do silêncio*. Thus, because they are voices that accuse and voices that defend, we seek to show how they happen and are related to the concepts proposed in Bakhtin's theory. The theoretical assumptions of the work are mainly based on the work *Problems of Dostoiévsky's poetics*, by Mikhail Bakhtin, to consider and define the concept of dialogism and its related aspects, which will be addressed in the work.

Keywords: Voices; romance; dialogism.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2	A AUTORA E A OBRA	12
2.1	A AUTORA: VALESKA DE ASSIS.....	12
2.2	A OBRA: A PONTA DO SILÊNCIO.....	13
3	O DISCURSO E SUAS PARTICULARIDADES	17
3.1	DIALOGISMO	17
3.2	OS FENÔMENOS DO DISCURSO-ARTE E OS DIÁLOGOS.....	20
4	AS VOZES EM MEIO AO SILÊNCIO	23
4.1	VOZES MASCULINAS.....	24
4.2	VOZES FEMININAS	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	36

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objeto de estudo a obra de Valesca de Assis, *A ponta do silêncio*, publicada em 2016, pela editora BesouroBox, de Porto Alegre. Esse romance constitui um texto curto, mas denso, sobre um relacionamento abusivo e um crime passionai. A obra consegue ser forte e realista ao tratar de questões enraizadas que persistem ainda hoje na nossa sociedade, como, por exemplo, opressão e desigualdade de gênero, relacionamento abusivo e violência doméstica.

Desde 2016, quando ingressei na Faculdade de Letras, da PUCRS, me vi imersa em livros, contos, poemas, peças de teatro que expandiram meu olhar para a vida e a sociedade. Desse modo, voltei-me para leituras que fazem questão de questionar o que está posto social e culturalmente. Passei a compreender e refletir sobre os impactos da opressão e da desigualdade de gênero, e como eles afetam todos os âmbitos da sociedade, inclusive a literatura. Assim, minhas leituras focaram-se - em grande parte - em obras escritas por mulheres. Por isso, busquei conhecer mais autoras e seus trabalhos a fim de me reconhecer nas vozes de outras mulheres.

Chegando ao fim do curso, durante a cadeira de Questões de Literatura Contemporânea – disciplina de que mais gostei –, com a professora Maria Eunice Moreira, conheci *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis. Encontrei nessa narrativa muitas das questões que me inquietavam. A obra trata de uma das pautas da luta feminista: a violência doméstica. Isso evidencia a importância dessa leitura para o cenário literário contemporâneo, já que coloca em pauta um tema tão urgente no Brasil. Além disso, a história chamou minha atenção por conta de diversos elementos, como o tema, o enredo, a escrita, a construção das personagens e os diálogos, bem como o modo como ela é narrada. Assim, no momento em que terminei a leitura do livro soube que ele seria meu objeto de estudo para este TCC.

Quando tive a certeza de que *A ponta do silêncio* seria a narrativa em questão para meu trabalho, tive a preocupação de apresentar um estudo diferente, uma análise que não havia sido feita a respeito da obra. Para isso, contei com o auxílio da professora Maria Eunice Moreira, fundamental nas orientações para a execução deste

trabalho, que propôs a análise das vozes acusatórias, isto é, dos discursos que acusam a personagem Marga de ter sido a responsável pela morte de seu marido - questão que permeia a trama. Com isso, pensei em adicionar as vozes que se mostraram solidárias à Marga, como parte da análise. Para isso, a teoria mais adequada para esse estudo seria a do filósofo Mikail Bakhtin, em *Problemas da poética de Dostoiévski*. Aderi ao tema, visto que o estudo é um campo muito relevante e merece debate, já que reflete sobre a linguagem sob um aspecto filosófico.

Sendo assim, a justificativa para a realização deste TCC encontra-se apoiada em vários motivos: a possibilidade de estudar e analisar uma obra significativa para os estudos de gênero e sobretudo para o papel da mulher na sociedade contemporânea; pela construção narrativa de *A ponta do silêncio*, em que várias vozes se misturam para fortalecer a narrativa, colaborando para o vigor textual; a possibilidade de relacionar o romance à teoria de Mikail Bakhtin; e, por fim, por um interesse pessoal meu, que diz respeito a um tema atual e relativo à posição da mulher na sociedade brasileira.

A ponta do silêncio, de Valesca de Assis, aborda um aspecto significativo da época atual, qual seja, as vozes. Considerando que vivemos em uma sociedade que muito julga, especialmente, mulheres até mesmo em casos em que elas são vítimas, a obra de Valesca explora muito esse ponto. De acordo com Bubnova (2011), em Bakhtin, grande pensador da filosofia e da linguagem, o termo voz não está ligado somente à emissão vocal, mas à “maneira semântico-social depositada na palavra”. Esse apontamento está atrelado ao fato de que as vozes refletem nos posicionamentos e pontos de vista dos sujeitos. A partir dessa premissa, o princípio do dialogismo, de Bakhtin, será aplicado em *A ponta do silêncio*.

Este trabalho apresenta-se dividido em três capítulos e suas subdivisões. O primeiro capítulo, intitulado “A autora e a obra” é dividido em duas partes: a primeira apresenta a autora Valesca de Assis e informações sobre sua história de vida pessoal, acadêmica e profissional como escritora; na segunda parte, intitulada como “A obra: A ponta do silêncio”, será exibido um detalhamento sobre o livro *A ponta do silêncio*,

em que serão relatados o seu enredo, algumas informações e as críticas feitas à narrativa.

O segundo capítulo, “O discurso e suas particularidades”, é de caráter teórico, e apresentará o principal conceito, que é o dialogismo, e os aspectos que envolvem esse conceito. No primeiro subcapítulo, “Dialogismo”, será mostrado como ocorrem as relações dialógicas, o conceito de enunciado, a questão da alteridade e as dimensões verbal e social. No segundo subcapítulo, “Fenômenos do discurso-arte e os diálogos”, serão tratados a estilização, o skaz e as situações de diálogo, tratando de como esses fenômenos agem nas vozes de personagens/sujeitos em um romance.

No terceiro capítulo, intitulado “A vozes em meio ao silêncio”, será apresentada a análise da obra *A ponta do silêncio*. O primeiro subcapítulo é intitulado como “Vozes masculinas”, e o segundo como “Vozes femininas”. Essas vozes serão analisadas quanto aos seus posicionamentos e diálogos, a fim de explorar e identificar as que possuem acusações e as que demonstram apoio em relação à personagem principal, apoiado nos conceitos da teoria apresentada no segundo capítulo.

Por último, serão apresentadas as considerações finais desta pesquisa. Este Trabalho de Conclusão de Curso é concluído com as referências bibliográficas que fazem parte do seu desenvolvimento.

2 A AUTORA E A OBRA

2.1 A AUTORA: VALESCA DE ASSIS

Nascida em Santa Cruz do Sul, RS, Valesca de Assis teve uma infância marcada pela timidez e pelos livros. Foi uma criança imaginativa e uma adolescente que gostava de escrever histórias. Seu refúgio era a leitura: nos livros ela se escondia e criava seu imaginário. A autora contou, em 2019, durante uma entrevista para a UFRGS TV, que sua família não almejava investir em sua educação, pois acreditava que seu sustento seria provindo do trabalho do marido com quem se casaria mais tarde, chamando atenção para o pensamento patriarcal da época em relação às mulheres. No entanto, Valesca seguiu com os estudos e, mais tarde, passou no vestibular para o curso de Filosofia.

Ao ingressar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sua vida mudou, pois nesse momento passou a ter contato com lutas e movimentos sociais, chegando a exercer seu ativismo nas manifestações. Ela diz que sentia indignação perante as injustiças e desigualdades. Por isso, em todos os seus livros, mesmo os infantis, há alguma crítica social, pois é algo que faz questão de expressar em suas obras literárias.

Segundo o site oficial da autora, Valesca se formou em Filosofia, em 1968, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tornou-se especialista em Ciências da Educação, pela mesma Universidade. Na literatura, a escritora estreou *A valsa da Medusa*, em 1990. Em seguida, publicou mais obras, tais como *A colheita dos dias* (1992), *O livro das generosidades* (1997), *Harmonia das esferas* (2000), *Todos os meses* (2004), *Diciodiário* (2005), *Vão pensar que estamos fugindo* (2008) e *Um dia de gato* (2010). Valesca ministra oficinas literárias regulares e/ou intensivas, em Porto Alegre, São Paulo e na EC.ON (Escrita Criativa On line), de Portugal. Além disso, participa de Feiras de Livro e outros eventos culturais, há vinte anos.

Segundo o Jornal do Comércio, Valesca de Assis foi patrona da 63ª Feira do Livro, evento tradicional realizado em Porto Alegre, desde 1955, sendo a primeira vez que uma mulher passou o cargo de patrona para outra, quando Cíntia Moscovich, patrona do evento no ano de 2016, entregou o cargo para a escritora, em 2017.

Por seu trabalho, recebeu diversos prêmios de prestígio na literatura, dentre eles o Prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores/ Crônica, 2003, por *Todos os meses*; Prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores/ 2009: Infanto-juvenil, por *Vão pensar que estamos fugindo* e Prêmio AGEs Livro do ano, em 2017, pelo romance *A ponta do silêncio*.

A escritora demonstra muito talento e maturidade com as palavras, surpreendendo críticos literários e leitores com sua originalidade ao lidar com temas tão pertinentes, como o escolhido em *A ponta do silêncio*: a opressão de gênero. Com seu alto nível de consciência e preocupação social e política, encarou o embate de trabalhar, nesse livro, com um tema tão urgente e enraizado no Brasil.

2.2 A OBRA: A PONTA DO SILÊNCIO

A ponta do silêncio é uma narrativa densa e forte. Cada página pode ser um mergulho em um passado ou presente da vida de muitas mulheres. Um relacionamento abusivo, um crime e o silêncio. O silêncio percorre a vida da protagonista, Marga, e é quebrado por ela através da escrita. Personagens passageiros, mas que deixam marcas, acusações; lembranças de uma infância reprimida, silenciosa. A trama é cheia de emoções e faz qualquer pessoa se prender a ela.

O livro é dividido em vinte e quatro breves capítulos, oferecendo uma dinâmica especial à obra. O capítulo inicial apresenta um momento significativo da infância de Marga, que é marcada pelo medo e palavras não ditas, após um episódio trágico com um conhecido ao qual ela foi testemunha. Esse instante da narrativa mostra que desde o início da vida da personagem o silêncio se fez presente. Após o primeiro capítulo, o enredo volta para o momento após a morte de Rudy. A partir daí, cartas ao delegado, diálogos de personagens passageiros que acusam Marga de ter sido a responsável pela morte de seu marido, o relacionamento dos dois se mostrando cada vez mais abusivo por parte de Rudy rondam a obra e a torna cada vez mais instigante até o seu final.

Para melhor explicitar, o livro *A ponta do silêncio* conta a história de Marga Treibel, uma professora de origem humilde, que após ser acusada de ter matado o

companheiro, Rudy Treibel, com quem viveu por trinta e três anos um relacionamento abusivo, encontra-se tomada pela impossibilidade de falar sobre o ocorrido. Não há certezas sobre o crime cometido, no entanto há evidências que a acusam, representadas por meio de vozes em diálogos e pensamentos manifestados pela própria Marga.

A linguagem da obra é simples e acessível, porém carregada de intensidade nas palavras. Uma linguagem bastante simbólica e metafórica, na qual a escrita é um modo de “dar sentido à vida” da protagonista. A poeticidade oferece o equilíbrio necessário ao lidar com um tema tão complexo. Além, disso, a escolha dos nomes das personagens “Marga” e “Rudy” diz muito sobre eles, já que o nome Rudy remete à palavra “rude” – caracterizando a personalidade da personagem masculina -, enquanto Marga remete à palavra “amargurada”, caracterizando a personagem feminina. Esse é um dos fatos que revelam que a linguagem é um aspecto priorizado em sua obra.

Valesca diz que a motivação para escrever *A ponta do silêncio* veio de uma matéria de jornal sobre uma mulher que havia sido acusada de ter matado o marido. O caso chamou sua atenção, porém a autora foi além: para a construção de sua ficção, tentou responder o que poderia estar acontecendo naquele relacionamento para que a mulher tivesse agido da maneira que agiu.

A motivação de Valesca para escrever *A ponta do silêncio* é explanada pela própria autora:

Algo que faço muito é guardar notícias de jornal. Guardo por anos, até que elas ressequem de emoção, para depois eu dar início a uma história. Eu vi a notícia de uma mulher que era suspeita de ter matado o marido. Na cidade, ela era vista como uma conselheira, uma professora, alguém que escrevia para o jornal. Só que ela não podia dar muitos passos sozinha. Era impedida de mostrar quem realmente era. Eu peguei aquilo e fiz a personagem. O livro se passa em uma semana, e a personagem não pode falar. Se comunica por gestos e bilhetes. Foi um desafio tremendo. (VALESCA, 2017, p. 33)

A escrita do romance transcorreu durante treze anos. Foi um longo período tentando achar as palavras corretas para aquilo que queria expressar em um livro tão complexo como esse em questão. Uma das intenções da escritora, como se pode perceber na leitura da obra, foi mostrar como a mulher é frequentemente julgada pelas pessoas, sem ao menos terem o conhecimento real sobre os fatos. Isso se reflete no

machismo existente na sociedade, elemento que Valesca de Assis tinha a pretensão de fazer com que seus leitores refletissem. Outro fato interessante do romance é a incerteza que envolve o leitor sobre o que teria acontecido de fato, uma vez que a narradora era dada a inventar coisas. Por essas e outras questões, a obra recebeu muitas críticas positivas vindas de escritores e jornalistas, que procuraram enfatizar a importância de todas as questões que o livro abarca.

A escritora Jane Tutikian (VALESCA, 2017), para o jornal *Gazeta do Sul*, ao tratar de *A ponta do silêncio*, enfatiza a relação que o enredo tem com a realidade de muitas pessoas e ressalta, ainda, o fato de que a trama demonstra as expressões mais profundas do ser humano. Revela, dessa forma, a necessidade e a importância dessa obra literária na atualidade, já que ela trata da opressão das mulheres e sobre tudo o que é esperado delas por conta do seu gênero.

O jornalista Alexandre Lucchese (VALESCA, 2017), repórter do jornal *Zero Hora*, em sua crítica, dedica-se a enaltecer o tema da narrativa de Valesca de Assis, considerando a forma como a autora a desenvolveu como muito única. Alexandre chama atenção para a questão da opressão de gênero e acrescenta que a trama oferece um ponto de vista original para o tema, já que explora um caso de acusação e o silenciamento ao qual a mulher é socialmente condicionada.

O jornalista Romar Beling (VALESCA, 2017), ao escrever para o jornal *Gazeta do Sul*, menciona as obras *A ponta do silêncio*, de Valesca, e *A guardiã do fogo*, de Mauro Klafke, visto que os dois escritores estavam para se apresentar na 29ª Feira do Livro de Santa Cruz do Sul. Destacou a criação de Valesca, chamando atenção para a forma como o livro abala certezas, deixando dúvidas ao leitor sobre acusação do crime, o psicológico das personagens, como também sobre o fechamento da narrativa (Marga matou ou não matou seu marido?).

Juremir Machado da Silva (VALESCA, 2017), no jornal *Correio do Povo*, relata seu descontentamento quanto a questão da desvalorização do consumo da cultura nacional, como o cinema, a música e a literatura de autoria brasileira, tanto que são, muitas vezes, deixadas de lado se compararem com a cultura estrangeira. Chama atenção para a grandiosidade da obra Valesca de Assis, que explora os dois extremos do ser humano em um relacionamento por meio de pequenos fatos do cotidiano que vão se somando e levando do carinho ao conflito e do afeto à guerra diária.

O escritor Oscar Bessi (VALESCA, 2017), em seu curto, porém lúcido comentário no Facebook, faz um relato pessoal contando o que sentiu ao ler a ficção, com muita emoção em suas palavras, declara a narrativa “esplêndida” e “impactante”. Por fim, faz um apelo para que as pessoas consumam o livro.

Rosane de Oliveira (VALESCA, 2017), quando comenta o livro na *Zero Hora*, menciona o caráter político que existe no romance de Valesca de Assis. Com seu apreço pela autora, considera a obra uma “novela de luxo”, ideal para ser lida “enquanto o cão dorme a seus pés”. Considera, ainda, a protagonista da história como “a mulher que sintetiza séculos e séculos de submissão”, representando, dessa forma, a opressão feminina existente na sociedade.

A fluidez da narrativa e a simplicidade com que o relato é contado, levam também a jornalista Claudia Tajés (VALESCA, 2017) a sugerir o livro de Valesca de Assis como sugestão de leitura para a Feira do Livro de 2016. Claudia chama a atenção para a relevância do tema, pois a trama envolve a opressão feminina e, ainda, considera o enredo instigante.

Rubem Penz (VALESCA, 2017), em sua crítica para o jornal *Zero Hora*, menciona o lançamento dos livros *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis, e *O inverno e depois*, de Assis Brasil, marido da autora, ao realizar uma entrevista com os dois escritores, discutindo o modo como a literatura participa da vida do casal. Com isso, os dois revelam que preferem não falar sobre trabalho quando estão juntos, mas, esclarecem que, na convivência, a colaboração entre os dois é constante.

Diferentemente do que já foi destacado na obra pelos leitores acima, o que se propõe neste trabalho quanto a sua análise é o estudo das vozes acusatórias e das vozes de apoio em relação à protagonista, presentes em *A ponta do silêncio*, com base em alguns pressupostos teóricos formulados por Mikhail Bakhtin, apresentando, assim, um viés ainda não explorado na obra.

3 O DISCURSO E SUAS PARTICULARIDADES

3.1 DIALOGISMO

Para este trabalho, será apresentado o conceito de Mikhail Bakhtin, relacionado ao estudo de vozes, ou seja, o conceito de dialogismo. Bakhtin foi um filósofo renomado internacionalmente como pesquisador da linguagem e, sobretudo, do discurso – e é com base na sua obra, *Problemas da poética de Dostoiévski*, que será feito o encaminhamento da análise de *A ponta do silêncio*.

A abordagem das vozes tem como característica a alteridade, elemento inerente à linguagem e à vida humana. Há alguns conceitos que, para esta análise serão úteis, pois estão imbricados ao dialogismo e à interação de sujeitos por meio de vozes/discursos, como a alteridade, a enunciação, a dimensão verbal e a dimensão social.

Para entender essa relação, é necessário tomar como ponto de partida a conceituação de *dialogismo*, elemento fundamental para a análise das vozes na narrativa. O dialogismo, aspecto que ocorre quando há um processo de recepção e percepção de um enunciado, se dá por meio das relações dialógicas, que nada mais são do que interações que ocorrem por meio de enunciações (usos da língua) com o propósito de comunicar algo. Desse modo, há um locutor (falante) e um interlocutor (ou receptor), esses se comunicam através de enunciados, discursos.

Para Bakhtin, toda enunciação tem uma natureza social. Trata-se de um ato individual, ativo, concreto, que se caracteriza pela relação eu/tu, ao mesmo tempo que é feita por ela. O locutor (*eu*) coloca-se em um contexto e dirige-se necessariamente a um outro (*tu*), com o qual se comunica através da língua. Bakhtin explica esse conceito da seguinte forma:

As relações dialógicas, deste modo, são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem vive apenas na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem (BAKHTIN, 1981, p. 158).

Nessa passagem, Bakhtin evidencia o fato de que a comunicação dialógica é o que sustenta a linguagem, seja ela qual for. Contudo, a linguagem é um campo de estudo da linguística, sendo assim, o autor considera que as relações dialógicas “se situam no campo do discurso” (BAKHTIN, 1981, p. 159). Além disso, elas devem ser analisadas pela metalinguística, indo além da linguística, de fato.

Sendo a comunicação dialógica o sustento da linguagem, deve-se considerar que os sujeitos agentes dessa comunicação estão inseridos em um determinado contexto e acompanhados de um determinado *auditório* – sujeito também ativo, que escuta e compreende o discurso do outro; receptor. Na concepção bakhtiniana, “o discurso é definido em relação ao seu objeto [...] ou em relação a outras palavras do mesmo contexto” (BAKHTIN, 1981, p. 161). Sendo assim, o *objeto* é o conteúdo, o tema em questão, enquanto as vozes presentes num diálogo são realidades, todas elas únicas e distintas. Até mesmo quando não há uma voz, isto é, no caso, por exemplo, de um monólogo interior, ocorre a construção de um juízo, portanto, se configuram relações dialógicas.

A questão da alteridade é fundamental nas relações dialógicas, visto que em um diálogo – e voltemos à relação eu/tu – o *eu*, ao emitir um enunciado acerca de determinado objeto, já o faz também para o enunciado do outro (*tu*). Em um momento de interação como o diálogo, o sujeito já espera pela palavra do outro a fim de estabelecer o que, de fato, é a comunicação. Esse pensamento de alteridade evidencia a existência da importância de um outro na construção dialógica.

Outro ponto importante na discussão sobre o dialogismo é a relação com a posição social dos sujeitos envolvidos num diálogo, visto que isso influencia na expressão de seus discursos. Essa influência, que provém também da vivência pessoal de cada pessoa, é o que faz cada sujeito se expressar de uma determinada maneira, ao dialogar com um outro sujeito em um determinado contexto. Por isso, todo o enunciado é único.

Nos textos narrativos, quando as personagens dialogam entre si, ou ainda quando o narrador retoma as vozes dessas personagens, essas falas, ou enunciados, constituem ligações umas com as outras. Por isso, a narrativa apresenta-se como um material de forte funcionamento dialógico da linguagem. Essa retomada da fala do outro induz tendências para o discurso direto, indireto ou indireto livre. A questão sobre

os tipos de discurso também é um fator a se considerar, a fim de mostrar os modos como o dialogismo se manifesta na constituição do romance.

De acordo com a pensamento dos teóricos do Círculo de Bakhtin, o estudo do enunciado concreto, isto é, o momento da enunciação, pode ser dividido em duas dimensões: a dimensão verbal e a dimensão social. Na dimensão verbal é analisada a parte material, portanto são levadas em conta a entonação e a escolha e a disposição das palavras. Já a dimensão social é focada no conceito de auditório e na situação da interação. Esses aspectos que devem ser analisados modificam o resultado final do enunciado, a sua significação.

A entonação é um elemento fundamental e possui o poder de mudar um discurso a partir da maneira e tom da voz com que se é dito algo. Além disso, ela influencia no resultado final da interação, já que é através dela que se demonstra a valoração de determinada fala. Por isso – e entramos com o outro elemento de extrema importância – que para se manter um diálogo deve-se, além disso, realizar a escolha das palavras adequadas, bem como a ordem em elas estarão inseridas em determinado discurso para a clareza do efeito de sentido.

Ao pensarmos na dimensão social, o auditório é o que corresponde ao receptor, ou seja, quem recebe a mensagem, que sempre está interagindo; até mesmo quando esse auditório esteja em silêncio ele está respondendo. Já a situação de interação, que trata de todos os elementos envolvidos, mas que não são materializados, ou seja, o tema, o cronotopo (crono = tempo, topo = lugar) e a valoração, que é a opinião ou o sentimento que se tem em relação ao assunto. Todos esses elementos fazem parte da interação e influenciam no resultado final dela, desse modo, são fundamentais para a análise.

Assim, as dimensões são muito importantes para a construção das relações dialógicas, visto que a dimensão social é orientada para o estudo do contexto do desenvolvimento do diálogo, enquanto a dimensão verbal é focalizada nos elos anteriores e posteriores ao que está sendo dito no diálogo, além de estar relacionada com as características de construção da composição e linguístico-enunciativas.

3.2 OS FENÔMENOS DO DISCURSO-ARTE E OS DIÁLOGOS

Bakhtin define um conjunto de fenômenos, os chamados fenômenos do discurso-arte, que são: estilização, paródia¹, skaz e o diálogo. O autor afirma que existe um traço em comum entre esses fenômenos: “a palavra tem duplo sentido, voltando-se para o objeto do discurso enquanto palavra comum e para um outro discurso, para o discurso de um outro” (BAKHTIN, 1981, p. 160-161). Sendo assim, esses fenômenos são direcionados para o discurso do outro, valorizando-o.

A estilização diz respeito ao estilo do enunciado que pode ser associado à identidade do locutor e de seu grupo social. Além disso, assim como a paródia e o diálogo, é um fenômeno heterogêneo, isto é, apresenta diferenças simbólicas. Bakhtin afirma que “os discursos duplamente orientados (que levam em conta o discurso do outro) também precisam ser diferenciados, pois englobam fenômenos heterogêneos como a estilização, a paródia e o diálogo.” (BAKHTIN, 1981, p. 161). Sobre a estilização, Bakhtin esclarece que:

A estilização pressupõe o estilo, ou seja, pressupõe que o conjunto de procedimentos estilísticos que ela reproduz teve, em certa época, significação direta e imediata, exprimiu a última instância de significação. Só o discurso do primeiro tipo pode ser objeto de estilização (BAKHTIN, 1981, p. 164).

Ainda com relação à estilização, conforme Bakhtin, “a estória de um narrador, enquanto substituição composicional do discurso do autor, é análogo à estilização” (BAKHTIN, 1981, p. 165). Além disso, a forma de falar do outro é utilizada pelo autor como uma opinião, como posicionamento de que o autor precisa para seguir sua narração. Não apenas a maneira de pensar, viver, falar, como também a forma de ver e representar são importantes para o autor, pois isso reflete no narrador que passa a substituir o autor na ação de narrar.

A significação é definida pelos procedimentos estilísticos reproduzidos no enunciado de outra pessoa. O romance traz vários gêneros discursivos em si e esses gêneros possuem vários tipos de estilos. O autor deve tentar buscar uma coerência na escolha desses estilos para a formatação do seu romance.

¹ O fenômeno “paródia” não será abordado neste trabalho por não estabelecer relação com o propósito da análise.

O fenômeno skaz (discurso falado) é um elemento próprio da narração. “O skaz é introduzido precisamente em função da voz do outro, voz socialmente determinada, portadora de uma série de pontos de vista e apreciações, precisamente necessárias ao autor” (BAKHTIN, 1981, p. 166). Questões como a entonação e a sintaxe, por exemplo, são explicadas no skaz, quanto ao caráter bivocal, que é quando o autor se orienta para o discurso do outro.

Quanto ao diálogo, Bakhtin define cinco tipos de discurso bivocal: polêmica interna velada; autobiografia e confissão polemicamente refletidas; qualquer discurso que visa ao discurso do outro; réplica de diálogo; e diálogo velado. E o discurso bivocal se dá “pela interseção nele verificada de duas vozes e dois acentos” (BAKHTIN, 1981, p. 167). No entanto, as falas são sempre cobertas pelas palavras do outro, porém são revestidas de algo novo. Cada discurso é único e representa uma realidade. A reciprocidade entre das vozes pode ser a responsável pela diferenciação em uma só palavra, devido ao atrito que ocorre, por exemplo, quando:

A transmissão da afirmação de um outro em forma de pergunta já leva a um atrito entre duas interpretações numa só palavra, tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro (BAKHTIN, 1981, p. 169).

Todo o discurso é repleto de palavras de outros. Com parte delas, misturam-se totalmente com as vozes, esquecendo-se de quem são. Com outras dessas palavras, reforçam as próprias palavras do discurso, tornando as palavras de outros como autorizadas. Em contraponto com esse caso, há um outro fato que é o da palavra na polêmica velada. Bakhtin explicita que

Na polêmica velada, o discurso do autor está orientado para o seu objeto, como qualquer outro discurso; neste caso, porém, qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto (BAKHTIN, 1981, p. 169).

A polêmica velada e o dialogismo velado são diferentes, no sentido de que nesta, apenas um emite fala, trata-se de um diálogo tenso, porque “cada uma das palavras presentes responde e reage com todas as suas fibras ao interlocutor invisível, sugerindo fora de si, além de seus limites, a palavra não pronunciada do

outro” (BAKHTIN, 1981, p.171). No caso da polêmica velada e no diálogo, a palavra do outro influencia ativamente o discurso produzido pelo autor, já que impõe a mudança adequada por conta da aproximação e do envolvimento.

Todo o discurso dito seria diferente se não houvesse um outro, no entanto, a ideia de um outro apenas se reflete e determina o tom e a significação desse discurso, não entrando “pessoalmente” no discurso. Isso fica evidente no trecho “A maneira individual pela qual o homem constrói seu discurso é determinada consideravelmente pela sua capacidade inata de sentir a palavra do outro e os meios de reagir diante dela” (BAKHTIN, 1981, p. 170).

Outro ponto importante a ser destacado é a polêmica interna para a formação de estilo nas formas de *Icherzahlung* (narração da primeira pessoa) de tipo confessional. Essa forma de discurso é feita em primeira pessoa, por isso possui caráter confessional em sua expressão. Nesse sentido, ocorre um intenso diálogo do sujeito com ele mesmo.

Por último, a réplica dialógica, é “análoga à polêmica velada”. Sobre a réplica, Bakhtin diz “todas as palavras que nessa réplica estão orientadas para o objeto reagem ao mesmo tempo e intensamente à palavra do outro, correspondendo-lhe e antecipando-a” (BAKHTIN, 1981, p. 171).

Concluindo os pensamentos teóricos envolvidos neste trabalho, torna-se possível uma relação com a obra *A ponta do silêncio*, visto que a narrativa é repleta de diálogos que estabelecem elos uns com os outros, além do fato de que as personagens estão inseridas em determinados contextos que corroboram para a seleção de elementos que utilizaram em seus discursos. Com isso, as personagens que apresentam vozes marcantes – acusatórias e de defesa – no romance serão analisadas com base na discussão feita neste capítulo.

4 AS VOZES EM MEIO AO SILÊNCIO

Uma marca muito forte em *A ponta do silêncio* é a quantidade de vozes que permeiam a narrativa e se mesclam aos pensamentos da personagem-protagonista Marga Treibel, acusada de ter assassinado o seu marido. A presença de discursos de personagens diversos e distintos entre si tornam o silêncio de Marga muito duvidoso principalmente para a opinião pública. Antes de iniciar a análise das vozes dos personagens, é importante contextualizar a situação da protagonista na história.

Para um melhor entendimento da obra, a narrativa será dividida em três partes: os momentos anteriores à morte de Rudy Treibel, marido de Marga; o momento após a morte de Rudy; e o ápice das acusações em meio ao silêncio da acusada. Valesca de Assis decide iniciar sua obra com uma lembrança de Marga sobre sua infância na qual retrata a personagem brincando, muito quieta, com sua boneca enquanto os pais dormiam à tarde. Em seguida, do pátio da sua escola, presencia um tremendo acidente com um conhecido, Marcos, que é atropelado e morto enquanto andava de bicicleta. Com isso, nervosa, ela entra em um conflito consigo mesma. Como é possível ver no trecho, o capítulo é narrado em terceira pessoa:

A garota, sem poder olhar a morte, volta-se e, outra vez correndo, sobre em direção à loja e oficina dos pais de Marcos [...]. Vai contar-lhes a terrível notícia, antes que saibam por outros [...]. Um sonho, com certeza, um pesadelo. Sempre fora de inventar as coisas, a mãe dizia (ASSIS, 2016, p. 12)

Duvidando de si mesma, a personagem se sente impossibilitada de falar sobre o acontecimento que presenciou. A partir daí, é possível notar o caráter duvidoso da voz de Marga sobre ela mesma na narrativa. Posteriormente, o romance se encaminha para o capítulo intitulado “Do fim ao começo”, em que é possível perceber que a história começa a ser contada no momento após a morte de Rudy. A partir desse instante, começam a aparecer diversos personagens que fizeram parte da vida de Marga e Rudy, bem como vozes que, por saberem do caso, são fundamentais para esta análise. Os personagens mais marcantes e que possuem vozes em potencial para este estudo são: o delegado Leonel, Dona Beta (empregada de Marga e Rudy), Cirlene (companheira de Leonel), o apresentador da rádio (Fritz Kall), uma psicóloga,

um juiz aposentado, uma líder feminista, transeuntes entrevistados e Herta (irmã de Rudy).

Para esta análise de vozes, procurei dividir as personagens entre homens e mulheres, tendo em vista que estamos nos referindo, aqui, a indivíduos enquanto sujeitos sociais e que seus discursos carregam tantos outros discursos que são culturais e, em sua maioria, condizentes com a socialização de gênero a qual pertencem esses sujeitos. Desse modo, o recorte de gênero nesta análise de vozes se faz essencial.

4.1 VOZES MASCULINAS

A primeira voz a ser analisada é a do Delegado Leonel, um dos personagens que, embora sua voz não seja tão presente em discursos na narrativa, apresenta relevância, pois, além de ser ele o remetente das cartas de Marga, Leonel anteriormente já havia tido contato com a acusada, pois foi seu aluno na época escolar. Apesar de não saber o que se passava entre Marga e Rudy no relacionamento dos dois para que sua ex-professora viesse a cometer tal ato, demonstrava respeito ao silêncio dela sobre o caso. Além disso, há o fato de Leonel ser um personagem homem, isto é, um indivíduo que, enquanto ser social, tem vivências distintas das de uma mulher. No entanto, assim como esse personagem não apresenta uma voz acusativa, também não demonstra estar em uma posição de defesa sobre Marga. Ele sempre a procura para saber a sua versão sobre os fatos, saber se consegue falar: “– E então, professora? – o delegado tenta, cauteloso. Pode estar perguntando se estou melhor, se quero falar agora, se consigo falar, ou pura e simplesmente se matei Rudy Treibel, meu marido por trinta e três anos” (ASSIS, 2016, p. 15).

Um momento marcante da narrativa está no capítulo em que é narrado um debate – ou a tentativa de um debate – para um programa de rádio a fim de repercutir mais ainda o caso da morte de Rudy na cidade. Esse momento do romance é repleto de vozes distintas que se posicionam através de discursos, utilizando elementos determinantes para as construções das significações de cada um deles.

O apresentador de rádio Fritz Kall, “homem sem temor, sem meias palavras sobre qualquer assunto, diz sempre o que pensa” (ASSIS, 2016, p. 27), em seu programa, leva convidados com especialidades diferentes para falar sobre a morte de Rudy, que havia repercutido muito na cidade, são eles: um juiz aposentado; uma psicóloga; uma líder feminista; e um editor de polícia (este não compareceu). Os discursos de Fritz na narrativa são carregados de preconceitos e machismo, isso é possível notar no momento em que ele interrompe a convidada mulher, passando a fala para um homem, descredibilizando a voz da mulher. Em outro momento, Fritz faz uma piada ofensiva com o fato de a líder feminista ser loira, a piada da “loira burra”: “E agora, senhores, antes de ouvirmos a representante do Vida Mulher, nossa loira, mas não burra (desculpa, desculpa, Jussara), vamos às ruas, ouvir o povo” (ASSIS, 2016, p. 31). Esse discurso caracteriza-se como uma das formas de se estabelecer relações dialógicas por meio da ironia, segundo a teoria bakhtiniana. Esse recurso é um caso de polêmica velada, pois se constitui a partir de uma tensão entre vozes contrárias, em que uma tem o intuito de polemizar a outra. Esse cruzamento que as vozes sofrem configura a ironia como dialógica.

Esse não é um discurso novo, isso caracteriza o quanto a voz de Fritz é carregada de discursos de *outros*, no caso, falas estereotipadas que são socialmente reproduzidas. Ademais, as vozes são sempre direcionadas a um outro, o que caracteriza o *skaz* e, conseqüentemente, a bivocalidade desses discursos. Além de o apresentador emitir esse discurso, ele não cede ao pedido da mulher de poder falar. Para mais, essa atitude do personagem reforça o espaço de silêncio ao qual a mulher é condicionada em todos os âmbitos da vida. Desse modo, a partir dessas ações e falas do personagem nota-se que sua voz é caracterizada como acusativa.

O juiz aposentado, um dos convidados do programa de rádio, ao expressar sua opinião sobre o caso da morte de Rudy, acusa Marga como responsável pela morte do marido, além de desmerecer a presença da líder feminista na roda de debate:

Ao que parece, amigo apresentador e caríssimos colegas, a esposa é ré confessa. Extraoficialmente, é tido como certo que ela desferiu os golpes fatais, mas a polícia não teria conseguido, ainda, obter seu depoimento [...] tenho por inoportuna a presença da representante feminista, uma vez que a vítima de que estamos falando é ou era, um homem (ASSIS, 2016, p. 29-30)

Ao alegar que a única vítima do caso é o homem assassinado, sem ter conhecimento dos problemas que envolviam o relacionamento de Marga com seu marido, que era abusivo e fazia dela uma vítima, o juiz é caracterizado como uma das vozes acusativas na narrativa. A ironia com que ele emite seu enunciado revela sua entonação, o que demonstra um posicionamento, dando ao discurso uma significação que se caracteriza como polêmica velada, já que utiliza da ironia como um recurso estilístico para polemizar a presença/voz de outra pessoa. Seu discurso está totalmente voltado a sua própria condição social de homem, isso faz com que, por estar em uma posição de poder e ser homem, goze do seu privilégio de utilizar a sua voz para acusar uma mulher sem saber, de fato, o que estava acontecendo e ignora a problemática do relacionamento abusivo entre os envolvidos no caso como pretexto para o crime, sem reconhecer a mulher como uma vítima também.

Com isso, torna-se evidente que os personagens homens em sua maioria representam as vozes acusatórias na narrativa. Caracterizam-se por emitir discursos que, através da entonação, a escolha de palavras e os recursos estilísticos, como a utilização da ironia, levaram ao resultado de que acusam Marga como a única culpada do caso e Rudy como a única vítima. O fato de que os personagens homens são maioria a acusarem Marga também reflete na forma como a sociedade vê a mulher em qualquer situação, reflete na posição de poder a qual os homens dominam, simboliza o silenciamento ao qual a mulher é condicionada, bem como representa o apagamento e a normalização de relacionamentos abusivos.

No mais, há personagens mulheres também no debate, um dos discursos – rápido e totalmente ignorado – foi o da psicóloga, que defende que a relação do casal poderia estar sendo problemática, apesar de não parecer para quem via o casal junto. A psicóloga assim expressa seu pensamento: “É preciso entender que, por vezes, aqueles casais que julgamos perfeitos afinados, indivisíveis, podem estar vivendo uma relação doentia...” (ASSIS, 2016, p. 29). O fato de ela ter citado essa possibilidade sinaliza que ela procurou julgar o caso com base na sua especialidade, portanto utilizou da entonação e das palavras corretas a fim de demonstrar um posicionamento coerente com o assunto de sua especialidade, a psique humana. No entanto, a personagem não obteve uma nova oportunidade de fala para defender ou acusar Marga Treibel, apesar de ter considerado, através da sua fala, o relacionamento

abusivo do casal como uma motivação para o crime indica uma preocupação com a vítima desse relacionamento.

Presente nesse debate, há também a voz de Jussara, a líder feminista, que utiliza a sua voz para contestar o que havia sido dito pelo juiz sobre Marga estar sendo “tomada por um abalo psicoemocional”. Com isso, a voz da líder feminista emite o enunciado “‘E tem motivos, a esposa, para estar abalada, não é mesmo, ouvintes?!’, a voz feminina pergunta, quase afirmando” (ASSIS, 2016, p. 29). A personagem faz a transmissão de uma afirmação de um outro em forma de pergunta fazendo com que ocorra um atrito entre duas interpretações em uma só palavra, como afirma Bakhtin sobre a estilização, desse modo, a personagem não apenas pergunta, como também problematiza o objeto. Isso enfatiza que a palavra do outro sempre está presente em uma relação dialógica.

Em um momento seguinte do debate, quando Fritz desmerece a presença de Jussara no debate, alegando que a vítima do caso em questão era um homem, a líder feminista diz: “‘Peço a palavra! E-xi-jo a palavra, senhor apresentador’, Jussara estava indignada” (ASSIS, 2016, p. 30). Emitindo esse discurso, a personagem feminina revela ter a necessidade de uma réplica. A indignação no tom de voz utilizado dá ao seu discurso uma intenção de urgência para falar, e desaprovação em relação ao discurso do outro. Ainda que Jussara não tenha obtido outra oportunidade de estabelecer diálogo através de um discurso falado, o diálogo ainda estava ocorrendo, visto que a havia tensão sobre o discurso do outro.

Durante uma entrevista que outro apresentador do rádio faz com transeuntes na rua, que representam a “opinião pública”, ao serem questionados sobre o caso, todos acusam Marga de ter cometido o crime. Uma das pessoas entrevistadas, uma mulher, declara não saber muito sobre o caso, mas acredita que a esposa de Rudy é culpada. Um homem entrevistado alega que, sem dúvidas, Marga é culpada pelo crime. Uma outra pessoa, também homem, defende que “ricos não vão para a cadeia; se fazem de loucos para ficar no hospital. É sempre assim; e será sempre assim” (ASSIS, 2016, p. 32); outro vale-se de uma outra voz para emitir sua opinião: “Minha tia, que é faxineira do hospital, viu ela baixada lá. Toda ensanguentada e com uma cara de louca!” (ASSIS, 2016, p. 32).

Se observarmos esses discursos demarcados pelos personagens que representam a opinião pública, pelo viés das dimensões verbal e social, pode-se analisar algumas questões. Quanto à dimensão verbal, os discursos são caracterizados por possuírem uma entonação demasiadamente acusativa sobre a personagem suspeita. Além da entonação, a escolha de palavras como “culpada”, “ensanguentada” e “louca” para referir à Marga também são fatores que fazem dessas vozes acusativas. Quanto à dimensão social, que diz respeito, primeiro, ao auditório, isto é, os receptores, no caso os ouvintes da rádio, pessoas comuns estariam ao alcance daqueles discursos, essas vozes também acusam a mulher. A situação de interação é caracterizada pela entrevista com pessoas aleatórias que nem sequer sabem, de fato, sobre o caso, a não ser informações rasas que escutaram de outros.

Ao avaliarmos fenômenos como a estilização, isto é, a forma de falar, esse seria um outro elemento que mostra o juízo de valor que esses personagens emitem sobre o objeto. E, esse grupo de personagens represente a opinião pública, como se ela representasse a opinião da sociedade, cada discurso apresentado, apesar de trazer palavras de outros, são únicos e representam as realidades de cada emissor. O fato de manifestarem seus posicionamentos sobre o caso em um programa com tantos ouvintes, isto é, com um auditório tão amplo, mesmo sem ter conhecimento sobre o ocorrido, também é um posicionamento diante de um diálogo tão complexo e que merece uma atenção maior, bem como reflete na reprodução de antigos discursos que colocam a mulher como culpada em qualquer circunstância.

4.2 VOZES FEMININAS

Em contraste com as vozes acusatórias, em *A ponta do silêncio*, há personagens mulheres que se mostram, através das suas vozes, mais solidárias com a dor da personagem Marga, consideram as marcas deixadas por um relacionamento abusivo. Essas personagens são: Dona Beta, Cirlene e Herta.

Dona Beta, a empregada doméstica, em um momento de diálogo com Marga, após a morte de Rudy, ela demonstra apoio à principal acusada do crime, dizendo “Estão limpas, Dona Marga, limpinhas” (ASSIS, 2016, p. 18) sobre as mãos de Marga. O seu posicionamento não é acusativo, visto que a forma como a personagem usou sua entonação e a escolha das palavras, até mesmo a repetição de “limpas” – no

diminutivo “limpinhas” – demonstra um esforço na sua intenção de credibilidade, evidenciando o fato de que Beta não acredita que Marga tenha cometido qualquer crime contra Rudy.

Cirlene, companheira do delegado Leonel, anteriormente já havia tido contato com Marga, pedia conselhos sobre relacionamento para ela. Essa personagem faz uma abordagem bastante relevante, em termos de reflexão nessa narrativa, pois ela assume um posicionamento de defesa à Marga, ao dizer a ela:

desculpe, desculpe mil vezes, mas tenho de lhe dizer que estou do seu lado, que sempre li sua coluna e segui muitos de seus conselhos [...] – Mas eu preciso entender o que aconteceu. Preciso, para minha vida – e havia desespero na voz (ASSIS, 2016, p. 42-43)

Em um diálogo posterior, Cirlene muda seu discurso, mas não totalmente, desta vez, com mais veemência – e tristeza –, diz “eu compreendo, eu compreendo” (ASSIS, 2016, p. 63). A repetição da expressão “compreendo” dá ênfase à mudança de significação que seu discurso sofreu em comparação com seu primeiro diálogo. Com isso, Marga, sem falar, percebe que Cirlene também era vítima de um relacionamento abusivo com Leonel, e essa conexão se confirma quando Cirlene diz “Amava-o muito, demais até. Mas agora...” (ASSIS, 2016, p. 64). Dessa maneira, a personagem Cirlene assume uma voz de defesa e apoio em relação à Marga Treibel.

Outra personagem, que é marcada por uma voz de defesa à Marga sobre a morte de Rudy, é a Herta, irmã do falecido Rudy, que inicia seu discurso como um desabafo e conta, através de um discurso indireto, sobre seus sofrimentos de infância enquanto filha menina e irmã de um menino, por conta de falas e posições machistas da sua família:

E Herta vai falando, mais para si, o quanto sofreu, desde sempre, por causa de Rudy. Primeiro, por ter nascido antes dele, quando o pai desejava um macho. Depois, porque a mãe custou a engravidar outra vez. Por fim, quando ele nasceu, a irmã ficou totalmente de lado: Rudy era um menino gorducho e saudável. Esperto, aprendeu logo a rir, a olhar as pessoas meio de esguelha, e todos batiam palmas para aquele menino tão sedutor: “Vai dar um político”. “Um padre”. “Um advogado” (ASSIS, 2016, p. 46-47)

Herta, ao contar sobre suas dores, tendo como receptora de seu discurso alguém que vivenciou uma realidade muito semelhante à sua – devido à condição da

mulher na sociedade –, e por conta da mesma pessoa, revela um posicionamento de defesa em relação a Marga. Ademais, o discurso de Herta naquela situação de interação é coerente com o contexto do caso, porque os reflexos de discursos machistas nas vidas das personagens femininas nessa narrativa revelam muito sobre a origem do apoio que a protagonista recebia.

Algo a se observar é o fato de que a rede de apoio e compreensão com a situação do relacionamento abusivo pelo qual Marga enfrentava era composta por mulheres. Isso se deve à relação com a socialização feminina que tem como forte fator a questão dos discursos machistas que são histórica e socialmente reproduzidos por homens e mulheres e, acabam refletindo na construção dos sujeitos e, sobretudo, na construção das vozes desses sujeitos. As vozes das personagens femininas demonstraram compatibilidade, por conta de suas vivências parecidas e pelo contexto ao qual estão inseridas. Seus auditórios são apenas elas mesmas, visto que são as únicas com as quais conseguem manter uma relação de confiança para expor suas realidades, como uma forma de apoiar umas às outras.

A protagonista Marga Treibel, que é quem conduz a narrativa, assume um modo muito particular de narrar sua história. Acusada de ter assassinado seu próprio marido em sua casa e, em decorrência desse acontecimento e de outras situações que passou na infância – de culpabilização e silenciamento – encontra-se impossibilitada de falar. Sem conseguir proferir sequer uma palavra, a maneira que a personagem encontra para se expressar é escrevendo cartas ao Delegado Leonel, como uma espécie de confissão, como se pode ler nesta parte do romance:

Esta carta, já deduziste, tem finalidade de expor a minha parte na história suja que ocupa as páginas dos jornais e as bocas mais ferinas de nossa cidade. Tenho de escrever porque não posso falar. Não consigo mais falar: Alguma porta de fechou para mim, e não posso, nem devo abri-la (ASSIS, 2016, p. 24)

A forma como a personagem narra é como um ato de subversão, pois “Muito cedo, deu-se conta do perigo de falar. Mas pensar e sentir, ah!, pensar e sentir não era proibido” (ASSIS, 2016, p. 10). Sua voz é representada pelos seus pensamentos e sentimentos que são colocados em sua narração. Em um dado momento na narrativa, sobre isso, Marga diz “Desde o acontecido, minha vida tem sido mediada pelo que vejo e ouço, e pelo que escrevo” (ASSIS, 2016, p. 19). Esse trecho causa

ênfase à situação pela qual a personagem passava, de muita perplexidade e dúvidas sobre si mesma e sua narração.

Pelo ponto de vista da análise bakhtiniana, as características do discurso em primeira pessoa (*Icherzahlung*) e de tom confessional, como é o caso do discurso da personagem Marga, é marcado por uma interação comunicacional interior que oscila entre sentimentos sobre si mesma e sobre os outros. Desse modo, o romance pode ser visto como *Icherzahlung*, considerando o termo de Bakhtin, que se encaixa na forma como a narração é conduzida pela narradora e realça o fato de que essa narração se aproxima muito do discurso direto da autora da obra, visto que as cartas escritas para o Delegado Leonel configuram-se como uma escrita confessional. Isso fica claro com o trecho:

Leonel, os dias passam, as noites arrastam-se, e faltam poucos dias para que eu deva te confessar minhas razões. A licença médica está por findar. Mas elas, as minhas razões, que ontem pareciam tantas e tão graves, de repente desapareceram (ASSIS, 2016, p. 57).

Dessa maneira, neste estudo da linguagem, estão pontuados diversos aspectos para a compreensão do dialogismo, da questão das vozes e graus de presença do outro em um dado discurso e de suas particularidades (semânticas, estilísticas, enunciativas, discursivas) para a construção de sentidos na linguagem cotidiana, bem como, provocando, assim, reflexões acerca da maneira como a comunicação acontece em uma composição artística específica.

A dimensão verbal, como um aspecto que tem o potencial de modificar o resultado final dos enunciados, por se referir à entonação e à disposição e escolha das palavras, é percebida no discurso de Marga de forma que a entonação é marcada por um sentimento de dúvidas e incertezas sobre seus próprios pensamentos e dores. A personagem utiliza algumas vezes a palavra “prisioneira” e “confissão” para remeter ao que ela escreve em suas cartas. O trecho abaixo explicita esse aspecto:

E quem me veja bordando, aqui no quarto onde estou, quase prisioneira e preparando minha confissão, talvez estranhe o que parece ser uma inconsequência, uma irresponsabilidade. Não sabem o que é tão somente uma atormentada busca de sentido, no bordado e na escritura (ASSIS, 2016, p. 59).

Além de a narradora utilizar uma linguagem bastante poética, especialmente nesse trecho, esse aspecto reforça o fato de que a escolha e a disposição das palavras proporcionam ao discurso uma significação diferente e, conseqüentemente, os receptores iriam receber essa fala de uma outra maneira. Isso está diretamente ligado a outro fator: a dimensão social.

No caso do discurso da protagonista Marga, quanto à dimensão social, que visa observar elementos como o auditório e a situação de interação em um diálogo, essa interação ocorre por meio de cartas. Portanto, o leitor dessas cartas é o receptor, já a situação de interação é marcada pelo contexto ao qual as cartas são escritas.

Concluindo esta análise, destaca-se que as vozes acusativas são reproduzidas, em sua maioria, por personagens homens. Esses personagens masculinos acabam por reproduzir discursos machistas, misóginos e preconceituosos em relação às personagens femininas, além de acusarem a protagonista Marga de ter sido a responsável pela morte de seu marido. Por outro lado, as vozes de defesa à Marga são compostas por personagens mulheres. Com isso, nota-se que os elementos presentes no dialogismo, de Bakhtin, como a entonação, a escolha e disposição das palavras e o contexto do diálogo influenciam na construção dessas vozes, ações e posicionamentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi pensado e desenvolvido com o objetivo principal de analisar as vozes que se manifestam em *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis, a fim de propor uma reflexão sobre o romance, bem como sobre as particularidades existentes nos discursos desenvolvidos nele, com base na teoria de Bakhtin. No entanto, maior do que esses objetivos, foi o propósito de apresentar a importância do discurso e mostrar como ele carrega diversas ideias que refletem em aspectos sociais, históricos e pessoais presentes na sociedade, como também na narrativa.

Valesca de Assis, que sempre preza pela abordagem de questões sociais em suas narrativas, explora o tema da violência doméstica em *A ponta do silêncio*, demonstrando a violência, principalmente, por meio de vozes. O livro segue essa proposta, explorando em seus mais variados personagens o desafio de ser mulher enquanto vítima de um relacionamento abusivo.

O enredo de *A ponta do silêncio* gira em torno da protagonista Marga, que é acusada de ter assassinado seu próprio marido. O casal vivia um relacionamento abusivo no qual Marga era a vítima. A morte de Rudy foi muito repercutida, ganhando espaço para um debate em um programa de rádio da cidade. Os personagens que fizeram parte desse debate foram: uma psicóloga, um juiz aposentado, uma líder feminista. O programa também tinha um apresentador, chamado Fritz Kall. Nesse momento da narrativa, muitas vozes apareceram e estabeleceram tanto semelhanças quanto contrastes em seus discursos. Esse foi um dos principais momentos da narrativa para a análise das vozes de defesa e de acusação com relação à protagonista.

Há personagens que não apresentam opiniões significativas para a análise das vozes feita neste trabalho, no entanto, têm importância quanto ao andamento do enredo, como, por exemplo, a Vívian, filha de Marga, que tem o mesmo nome de uma boneca que esta teve na infância, um período da vida da personagem marcado também pelo silenciamento e pela culpa.

O estudo das vozes revela como elas são importantes e mostram muito sobre o sujeito enquanto ser social. A comunicação possui diversas particularidades a serem

analisadas, que vão muito além de simplesmente dizer algo sobre determinado assunto. Os diálogos e os discursos apresentados neste trabalho apresentam as principais acusações, como também as vozes de defesa à protagonista, tornando as vozes como um fator essencial na narrativa.

Com o estudo realizado neste TCC, apoiado no conceito de dialogismo da teoria de Bakhtin, foi possível perceber uma série de fatores que envolvem a formação de posicionamentos expressos por meio de distintas vozes, sendo possível estabelecer elos entre elas mesmas. Além disso, contribuiu para uma maior percepção de que muitos detalhes na formação de um diálogo fazem diferença no resultado final e na compreensão do outro envolvido nessa situação de interação.

Ademais, as marcas dos discursos dos personagens homens e mulheres revelaram várias disparidades quanto aos aspectos que envolvem a forma como as relações dialógicas se dão, como a entonação, disposição de palavras, os recursos estilísticos, o auditório e as situações de diálogo, analisadas nas vozes das personagens através da teoria de Bakhtin.

As vozes dos personagens homens apresentam um tom mais rude e utilizam bastante o recurso estilístico da ironia em seus discursos sobre o caso da personagem Marga. Já as personagens mulheres se mostram mais solidárias à Marga, pois, ao contrário dos personagens masculinos, suas vozes são marcadas por um tom mais brando e compreensivo, utilizam palavras com a semântica de apoio, além de também utilizarem o recurso da repetição dessas palavras, com o intuito de dar ênfase em seus posicionamentos de defesa à Marga. Sendo assim, a partir da análise feita, foi possível notar que as vozes masculinas de modo geral tendem a ser acusatórias, enquanto as femininas se revelam como vozes mais solidárias à Marga.

Por fim, reforço a importância do romance de Valesca de Assis, *A ponta do silêncio*, chamando atenção para diálogos e atitudes que são propagadas social e culturalmente. Há um fragmento no texto que reflete muito no que esse livro pode trazer, demonstrando o cuidado que a personagem queria ter, contrariando as vozes que a julgaram culpada:

E quando as palavras me vinham aos montinhos, aos grãos, queria saber identificar as melhores sementes, as mais bonitas e convincentes. Queria escolher as palavras como quem escolhe o arroz,

tirando-lhe o joio, as pedras que corrompem, que ferem (ASSIS, 2016, p. 58).

REFERÊNCIAS

ASSIS, Valesca de. **A ponta do silêncio**. Porto Alegre: BesouroBox, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail (org.). **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. Cap. 5, p. 157-173.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 268-280, ago./dez. 2011.

FRANCO, Stéphanie. Valesca de Assis é escolhida patrona da 63ª Feira do Livro de Porto Alegre. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 1, 11 out. 2017. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/10/cultura/590342-valesca-de-assis-e-escolhida-patrona-da-63-feira-do-livro-de-porto-alegre.html. Acesso em: 19 abr. 2020.

VALESCA DE ASSIS. [Principal]. Porto Alegre, [2019]. Disponível em: <http://www.valescadeassis.com.br/>. Acesso em: 25 maio. 2020.

VALESCA de Assis: em sintonia com. Publicado por UFGRS TV. [Porto Alegre], 16 ago. 2019. 1 vídeo (26 min 51 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=htK9f93xM9o>. Acesso em: 19 abr. 2020.

VALESCA de Assis: fortuna crítica: resenhas e ensaios: jornais e revistas nacionais e estrangeiras classificada por obras. [Porto Alegre, 2017]. Disponível em: <http://www.valescadeassis.com.br/fortunacritica/FORTUNA-CRITICA-II.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.

TUTIKIAN Jane. Orelha de Jane Tutikian para *A Ponta do Silêncio*. **Gazeta do Sul**. Santa Cruz do Sul. 16, set, 2015. P 3.

LUCCHESI Alexandre. Valesca de Assis lança romance que parte de um crime para refletir sobre a violência contra a mulher. **Zero Hora**. Porto Alegre. 10, ago, 2016. P 6. Segundo Caderno. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2016/08/valesca-de-assis-lanca-romance-que-parte-de-um-crime-para-refletir-sobre-a-violencia-contra-a-mulher-7223319.html>. Acesso em: 25 maio. 2020.

BELING Romar. Guardiões do Saber. **Jornal Gazeta do Sul**. Santa Cruz do Sul. Set, 2016.

SILVA Juremir Machado da. Um livro e um filme gaúchos. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 17, set, 2016. P 2.

BESSI Oscar. Comentário de Oscar. Oscar Bessi com Valesca de Assis. Enviada em: sexta-feira, 23 de setembro de 2016, às 13:53, Facebook.

OLIVEIRA Rosane de. Um livro para ler enquanto o cão dorme a teus pés. Zero Hora. Porto Alegre. 09, out, 2016. Crônica de domingo. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/rosane-de-oliveira/noticia/2016/10/um-livro-para-ler-enquanto-o-cao-dorme-a-teus-pes-7717191.html>. Acesso em: 25 de maio 2020.

TAJES Cláudia. Sugestões para a freira. **Zero Hora**. Porto Alegre. 29 e 30, out, 2016. Caderno Donna.

PENZ Rubem. LUA DE MEL com a literatura. **Zero Hora**. Porto Alegre. 04, nov, 2016. P 28.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br